

## Criação de um conto por alexandrita: Processo de desenvolvimento da imaginação criadora

*Creating a tale by Alexandrita:  
Creative imagination development process*

Neire Márcia da Cunha<sup>1\*</sup>

*Universidade de Uberaba*  
Uberaba, Minas Gerais, Brasil.

Ana Maria Esteves Bortolanza<sup>2</sup>

*Universidade do Sul de Santa Catarina*  
Tubarão, Santa Catarina, Brasil.

**Resumo:** O objetivo do estudo foi compreender o processo de formação de autoria em crianças por meio de atividades de criação de contos. A pesquisa qualitativa (2019) foi realizada em uma escola pública no interior de Minas Gerais, com crianças do 4º ano do Ensino Fundamental. A metodologia utilizada na geração de dados foi o experimento educativo dialógico e concretizou-se em três etapas: observação in loco das crianças, o desenvolvimento do plano de unidade didática e a entrega do livro produzido por elas. A fundamentação teórica apoia-se na principalmente na teoria histórico-cultural (Vigotski; Leontiev) e nos fundamentos filosóficos da Linguagem (Bakhtin). A apresentação e a análise foram organizadas em núcleos temáticos. Neste artigo, aborda-se um núcleo temático: a criação literária no desenvolvimento da imaginação criadora, com foco no processo criativo de uma das crianças. Os indícios de autoria na criação de um conto por Alexandrita evidenciaram aspectos subjetivos e objetivos de atitude autoral, pondo em movimento sua imaginação criadora que se forma nesse processo dialético, dinâmico e contraditório.

**Palavras-chave:** Educação. Formação de autoria. Criação literária de conto.

**Abstract:** The aim of the study was to understand the process of forming authorship in children through storytelling activities. The qualitative research (2019) was carried out in a public school in the interior of Minas Gerais, with children from the 4rd year of elementary school. The methodology used in the generation of data was the educational dialogical experiment and was carried out in three stages: on-site observation of children, the development of the didactic unit plan and the delivery of the book produced by them. The theoretical foundation is mainly based on historical-cultural theory (Vygotsky; Leontiev) and the philosophical foundations of Language (Bakhtin). The presentation and analysis were organized into thematic groups. In this article, a thematic nucleus is addressed: literary creation in the development of creative imagination, focusing on the creative process of one of the children. The evidence of authorship in the creation of a short story by Alexandrita highlighted subjective and objective aspects of authorial attitude, setting in motion her creative imagination that is formed in this dialectic, dynamic and contradictory process.

**Keywords:** Education. Authorship training. Literary story creation.

<sup>1</sup>Universidade de Uberaba (UNIUBE), Uberaba, Minas Gerais, Brasil. Secretária de Educação de Uberaba. Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Infância e Contextos Educativos (GEPICE). E-mail: amebortolanza@uol.com.br.

<sup>2</sup> Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, Santa Catarina, Brasil. Pós-Doutoramento em Educação pela Universidade de Évora, Portugal. Pesquisadora/colaboradora do Centro de Investigação de Estudos da Criança (CIEC) da Universidade do Minho, Pesquisadora do GEPICE e do Grupo de Pesquisas e Estudos Processos de Leitura: Apropriação e Objetivação. E-mail: neirecunha@yahoo.com.br.

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo foi realizado com o objetivo de proporcionar o encontro de crianças com a criação literária como forma de enriquecer e potencializar as singularidades, colocando em movimento a imaginação criadora por meio da atividade de criação de contos. Este artigo é parte de uma pesquisa qualitativa (2019) sobre o processo de criação de contos por um grupo de 10 crianças do 4º ano do Ensino Fundamental, realizada em uma escola pública do interior do estado de Minas Gerais. A metodologia utilizada foi um experimento educativo dialógico em três etapas: observação in loco das crianças, o desenvolvimento do plano de unidade didática e a entrega do livro produzido por elas. Os instrumentos de coleta dos dados foram as filmagens, as gravações de áudios, as fotos, os jogos e os discursos orais e escritos, incluindo as produções escritas das crianças. A análise foi organizada em cinco núcleos temáticos, e neste estudo é apresentado parte do primeiro núcleo temático, a criação do conto de Alexandrita e o desenvolvimento de sua imaginação criadora.

Durante o processo de elaboração das criações pelas crianças, respeitamos o seu modo de expressão e mantivemos a ideia de que a temática de suas narrativas fosse de livre escolha. No primeiro ciclo, dialogamos com Lewis Carroll, autor da narrativa que deu origem ao filme *Alice no País das Maravilhas*. Propusemos que as crianças lessem o livro, mas como era extenso e não seria possível ler todo de uma vez, fizemos a leitura do primeiro e do segundo capítulos juntos, dialogando sobre suas aproximações com o filme. Os demais capítulos foram lidos entre uma tarefa e outra, no decorrer da investigação.

Em síntese, esses procedimentos metodológicos possibilitaram às crianças descobrir as singularidades específicas e fundamentais do ato de criação em autores como Lewis Carroll, Nelson Cruz, Bartolomeu Campos de Queirós, Audrey Wood e Hans Cristian Andersen. As singularidades dessas obras – a capacidade de decidir, a imaginação e a criatividade que envolveram os enredos, a liberdade e a responsividade do ato de criação –, tornaram-se temas nucleares das discussões nos três ciclos de estudo, fator fundamental para a conscientização das crianças em relação às características do ato de criar.

## 2 CONTEXTUALIZANDO TEORICAMENTE O ESTUDO: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE VIGOTSKI

Para o aprimoramento dos contos elaborados no 1º ciclo temático, propusemos às crianças apresentarem a primeira versão de suas criações por meio de datashow, realizando assim a leitura de sua narrativa para os colegas. Após a leitura, deveriam dialogar com os colegas sobre aspectos que pudessem causar dificuldades na compreensão, ou uma informação que considerassem importante acrescentar, ou, ainda uma sugestão que quisessem fazer a fim de auxiliar o colega, caso necessário, no

aprimoramento ou enriquecimento de sua criação, a fim de torná-la rica em detalhes, coesa e compreensível ao leitor.

A criação da segunda versão das narrativas foi realizada em duplas ou trios, com o uso de dois notebooks. Depois, sentávamo-nos juntas, as crianças, uma por vez, para dar acabamento provisório à terceira versão, final. Assim sendo, os diálogos estabelecidos nos pequenos grupos geravam a segunda versão do texto, registrada nos notebooks. De posse dela, dialogávamos, e o produto de nossas interações culminava na terceira versão, denominada por nós obra prima.

Nesses momentos, esclarecíamos ao grupo que não se tratava de um julgamento em relação às criações, mas de um momento de criação de sentidos de forma coletiva em relação ao conto, para que o leitor pudesse entendê-lo de forma plena. Ao organizar as duplas, inicialmente, consideramos o perfil das crianças em relação a suas afinidades com os parceiros de trabalho e os conhecimentos prévios sobre a língua. As duplas foram organizadas de modo que o parceiro mais experiente auxiliasse o menos experiente e vice-versa.

Na necessidade da manutenção do ensino na linha de maior esforço, como a de manter a atuação da criança na zona de desenvolvimento iminente de outras crianças. Cada uma analisou seu conto com ajuda de um parceiro mais experiente, de maneira a extrapolar suas possibilidades de criação independente, preparando-se para, num momento posterior, realizar a tarefa de modo independente (Mello, 2007).

Freitas (2009, p. 03-04) mostra que, de acordo com Vigotski, uma pesquisa deve ocupar-se do estudo do fenômeno investigativo em sua historicidade, estudando-o em seu processo de mudança, em sua dinamicidade. Para compreender o processo de criação de Alexandrita e das outras crianças, “é necessário ir à gênese da questão, procurando reconstruir a história de sua origem e de seu desenvolvimento”. Nesse sentido, buscamos o processo vivenciado, em seus desdobramentos, não apenas o resultado mensurável obtido ao final, mas o produto cristalizado no processo vivido por Alexandrita.

Nesse entendimento, analisando as minúcias indiciais do processo interdiscursivo, buscamos compreender os eventos, os acontecimentos em suas singularidades, em seu entrelaçamento com as práticas socioculturais e educativas que envolveram Alexandrita, em busca de sua historicidade, de suas potencialidades e de suas projeções discursivas, de modo a evidenciar as condições em que ocorreu seu processo de criação do primeiro conto.

### **3 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA PRIMEIRA VERSÃO DO CONTO DE ALEXANDRITA**

Neste tópico, analisamos o processo de criação da primeira versão do conto de Alexandrita, já como produto final de um longo processo de desenvolvimento da imaginação trabalhado nas atividades anteriores, organizadas, planejadas e desenvolvidas tendo como foco a criação literária.

Escolhemos o processo de criação do primeiro conto de Alexandrita, porque registra um processo diferente dos demais. Ao ler e discutir sua narrativa com os colegas, ela manifestou o desejo de escrever outro conto. Esse episódio também possibilita mostrar em que condições ela ouviu as apreciações das crianças em relação ao seu conto e como ela se posicionou diante delas. O processo vivido por ela evidenciou peculiaridades específicas, por isso, analisamos essas singularidades em busca de seus traços autorais, não porque outras crianças não vivenciassem situações semelhantes, mas porque ela manifestou claramente seus sentimentos e suas necessidades, em gestos, atos e palavras, tornando-os mais evidentes.

Na preparação da primeira versão da criação das narrativas pelas crianças, esclareci que, se eles tivessem dúvidas em relação à escrita, eu os ajudaria. Assim, os auxiliei a grafar várias palavras. Em certo momento, Alexandrita fez uma pergunta inusitada:

Alexandrita: *Tia, se eu colocar aqui que ela tivesse trinta e oito filhos, você aceita?*

Pesquisadora: [Como ela já tivesse anunciado que iria narrar algo da realidade, respondi: *Se você achar que tem condições...*

[Ela me fitou com ar indagador] *Quantos anos tem ela?*

Alexandrita: 29.

Pesquisadora: *Ah, então, não!! Se fosse para ter um filho por ano... já teriam que ter mais de 40 anos!* [...]

Alexandrita: *Não... mas, assim... cinco são gêmeos.*

Pesquisadora: *Coitada dessa mulher... Ave Maria...*

Alexandrita: *Quinze, então, pode ser!!?*

Alexandrita revela que estava em busca de uma base real para a escrita do seu conto, denominado nessa primeira versão Whalyan em Terabíthia, e pergunta sobre a quantidade de filhos que uma pessoa de 29 anos pode ter. Ao ponderar que não seria possível uma pessoa dessa idade ter 38 filhos, a menina busca uma outra estratégia para que o número exagerado de filhos prevaleça, dizendo: *Não... mas, assim... cinco são gêmeos.* Ao perguntar sobre os 38 filhos, Alexandrita parecia vivenciar um momento de contradição interna, em que sinaliza o desejo de mudar a realidade exagerando o número de filhos. A seguir, influenciada por suas imagens e sentimentos internos, porém, orientada pela necessidade externa que surge da interação verbal com seus interlocutores, ela tenta encontrar uma estratégia para que o número elevado de filhos prevaleça, e fala da possibilidade dos gêmeos, chega a um consenso e toma a decisão em relação ao assunto, decide por registrar 15 filhos. Esse episódio chama atenção porque sinaliza claramente o posicionamento dela.

O exagero numérico manifestado pela menina indica o processo de modificação de modo exacerbado da realidade (Vigotski, 2009). Como vimos, no processo de apropriação das impressões da realidade, essas impressões supridas da existência são modificadas pelo tom emocional que damos a elas, assim, podemos aumentar ou diminuir suas dimensões precedentes de acordo com o estado emocional que nos move.

Segundo Vigotski (2009), essa paixão pelo exagero encontra seu fundamento no interior dos nossos sentimentos, no universo mais íntimo das nossas emoções e “resulta do interesse por tudo que é notável e extraordinário; conjuga-se ao sentimento de orgulho

pela posse imaginária de algo especial [...]” (Vigotski, 2009, p. 37). A modificação da realidade, essa exacerbação, é de grande valor para a criança, porque “permite-lhe o exercício da opção com valores que não estão diretamente disponíveis em sua experiência” (Vigotski, 2009, p. 38). Isso parece provocar a necessidade de novas formas de combinações cerebrais, novas associações que se materializam em uma nova forma de objetivação de suas ideias. Tais indícios reforçam a necessidade de organizarmos o ensino de modo a promover as condições para que as crianças se coloquem em atividade, pois é no exercício dessa vivência que podemos desenvolver todas as forças, todas aptidões, todas as potencialidades e inclinações delas. (Leontiev, 1978).

No encontro seguinte, ao realizar a leitura da narrativa para o grupo, uma das crianças cujo nome fictício é Esmeralda perguntou a Alexandrita por que em determinado momento do seu conto ela mudara de assunto. A primeira reação de Alexandrita foi retrucar, desconsiderando a pergunta da colega. Assim, a orientamos para que compreendesse a dúvida e tentasse respondê-la. Mesmo incomodada com a pergunta, revisou o trecho indicado e chegou à conclusão de que realmente *estavam faltando algumas palavrinhas*.

Prosseguimos descrevendo o diálogo que se seguiu entre Alexandrita e a pesquisadora.

Pesquisadora: *Não precisa mudar, sua história é boa. Apenas acrescente os aspectos necessários, por exemplo: por que você queria ir para lá? O que existe em Terabítia? Você escolheu nomes diferente, criativos...*

Alexandrita: *Tia, o meu texto não faz sentido com o título.*

Pesquisadora: *Então, tá!! Mas, faço questão que você deixe Terabítia, quero saber que lugar é esse que você imaginou...*

Alexandrita [falou enquanto escrevia no papel]: *Ponte... para Terabítia, pode ser!?*

Destacamos também os argumentos utilizados por Alexandrita sobre sua necessidade de criar outro conto para substituir o anterior. Ela foi a única que mudou o conteúdo da primeira versão. Esse movimento peculiar prenuncia sua avaliação em relação à própria criação.

Vejam os seus argumentos:

Alexandrita: *O que eu escrevi agora [o título], está fazendo mais sentido com a história, tia!! Eu acho que eu já eston perto... acho que dá...*

Pesquisadora: *É, mas presta atenção na sua história, você está muito envolvida com o que está acontecendo aqui [nas conversas com as outras crianças]...*

Alexandrita: *Isso está me ajudando.*

Alexandrita: *Eu sou diferente, tia... de muitas pessoas.*

Ao dizer – *o que eu escrevi agora [o título], está fazendo mais sentido com a história, tia!! Eu acho que eu já eston perto... acho que dá* – a menina expressou certa avaliação positiva do seu novo conto, considerando-o coerente com a segunda proposta. Em seguida, ao dizer que era diferente de muitas pessoas, Alexandrita mostrou que estava ciente de que envolver-se no processo de aprimoramento dos contos dos colegas havia auxiliado na criação do seu, além de demonstrar consciência do seu envolvimento nas tarefas deles.

Considerar-se diferente das outras pessoas evidencia sua singularidade e um traço autoral, indicando que prestar atenção e participar das interações verbais não a atrapalhava, ao contrário, contribuía para seu processo de criação.

Sua fala, de que seu texto não fazia sentido com o título *Whalyan em Terabithia*, convenceu-nos da necessidade que ela sentia de mudar a narrativa para fazer sentido com o novo título: *Ponte... para Terabithia*. Assim, primeiro mudou o título e, depois, argumentou a favor da mudança do conteúdo. Nesse processo encontramos vestígios de que, como autora, decidiu que adequar o título não seria suficiente para suprir suas necessidades, teria que mudar o conteúdo para que desse o sentido esperado ao seu texto. São indícios de que Alexandrita estaria determinada a mudar o conteúdo de seu conto desde o início, por isso havia escolhido outro título satisfazendo assim suas necessidades naquele momento. Ela se posicionou, argumentou, interagiu e tomou sua decisão em relação à forma e ao conteúdo do seu próprio conto.

Para analisar o processo de criação da segunda versão do conto de Alexandrita, registramos o momento em que ela e Flora, utilizando-se do notebook, revisaram seu texto dando origem à 2ª versão do conto, *A ponte de Terabithia*, criado por ela no encontro anterior. Nosso foco de análise no processo de criação possibilitou desvelar as condições e as características de aprimoramento do primeiro conto de Alexandrita.

Nos encontros destinados a essas tarefas, enquanto algumas crianças estavam escrevendo a segunda versão com o uso do notebook, outras terminavam a primeira, outras ilustravam. A dinâmica desse processo foi conduzida pelas condições e necessidades das crianças. Essa estratégia teve por objetivo respeitar as singularidades das crianças, suas características e necessidades específicas, sua condição autoral. Foi fundamental para este estudo, porque as crianças precisavam de tempo para escrever, desenvolver estudos epilinguísticos, refletir sobre suas escritas e reescrever em caso de necessidade.

A seguir apresentamos alguns excertos dos diálogos que mostram o processo de aprimoramento da segunda versão do conto de Alexandrita, *A ponte de Terabithia*.

Pesquisadora: *Então, Zeus fez uma ponte para que todos.... Agora, entre o nascimento da menina... aqui [mostra no notebook], teria que colocar alguma coisa...*

Alexandrita: *É falta alguma coisa.... Você é minha filha e tem o meu sangue.*

Pesquisadora: *Isso. Então, Zeus fez uma ponte... Só que, antes de ele fazer essa ponte, me explique: por que ele fez essa ponte?*

Alexandrita: *Para festejar o nascimento dela!*

Percebendo que a menina demonstrava irritação ao responder às perguntas, propusemos uma pausa.

Pesquisadora: *Espera só um pouquinho. Calma, respira. A única coisa que nós estamos fazendo...*

Alexandrita: *... é melhorar e tirar os erros.*

Pesquisadora: *Não é nem erro, é que às vezes uma palavra fica melhor do que a outra. Para quem está lendo. Entende?*

Pesquisadora: *As pessoas que viviam em Terabithia que eram sensíveis?*

Alexandrita: *Não, porque lá só tinha um rei e uma rainha. ... acabei de te explicar! Lá só tinha...*



Pesquisadora: *Então, explica de novo.*

[A garota levanta os olhos para cima, levemente impaciente].

Pesquisadora: [passando a mão pelas costas dela]. *Eu quero te entender.*

Alexandrita: *É o paraíso, sabe por quê? É porque é assim...*

Pesquisadora: *Então, mas as pessoas é que são assim, sensíveis. A terra tem jeito de ser sensível?*

Alexandrita: *Tem, porque é feita de magia!* [Fala com certa exaltação, volta e se senta]

Pesquisadora: *Agora, sim!! Entendi.*

Alexandrita: *Terabítia era muito sensível, pois era feita de magia...* [ela dita enquanto digito. As crianças não conseguiam digitar o texto sozinhas]

Alexandrita: *Aí, eles [os leitores] vão ficar perguntando: “E as pessoas?”*

Pesquisadora: *Pois é!*

Alexandrita: *... as árvores, as pessoas, as montanhas...* [continuou ditando], *tudo era, não, tudo tinha sentimento, como a terra.*

Alexandrita: *Zeus. Aqui, tem que apagar.*

Pesquisadora: *Certo! O que você quer que eu escreva?*

Alexandrita: *Zeus aproveitou que Ares estava muito fraco... aí você tira Depois de Zeus matar.*

Ressaltamos que utilizávamos de perguntas, como *Então, Zeus fez uma ponte... Só que, antes de ele fazer essa ponte, me explique: por que ele fez essa ponte*, com a finalidade de orientar seu pensamento em relação à coerência e à coesão de sua criação. Essa estratégia atendia às necessidades de todo o grupo de crianças, mas em alguns casos específicos não eram suficientes, como no caso dela.

Nessa situação, percebendo o sentimento contraditório que a menina vivenciava, manifestado em forma de uma falta de paciência diante das perguntas orientadoras, procuramos acalmá-la, esclarecendo o motivo de estarmos realizando aquele aprimoramento. Ao completar espontaneamente a frase *A única coisa que nós estamos fazendo...*, a menina parece ter consciência dos motivos daquela ação e de sua necessidade, mas, ao mesmo tempo, o seu tom de sua voz, ao expressar tirar erros, parecia sinalizar uma inquietação interna, um conflito íntimo, um impasse.

Esses indícios foram confirmados momentos depois, ao procurar entender o significado e o sentido que ela dava à frase *Terabítia era muito sensível*. O gesto ao levantar os olhos para cima manifestou claramente sua irritação com a situação. Parecia irritada pelo esclarecimento do sentido dado à frase no texto, mas também ganhava tempo para solucionar o impasse: deixar de narrar uma situação real como fez na primeira versão do conto, ou optar por incluir o elemento mágico: *Terabítia era muito sensível, pois era feita de magia*. Isso explicava sua reação exacerbada diante desse questionamento. A irritação parecia vinculada ao fato de que não identificamos de pronto as relações estabelecidas por ela com o enredo do filme *A ponte de Terabítia*. Entretanto, a reação também poderia conter vestígios de indecisão possivelmente presente nas palavras: *É o paraíso, sabe por quê?* Com essa atitude, aparentemente contraditória, ela buscava internamente uma justificativa que respondesse à sua necessidade naquele momento.

Retomamos a pergunta orientadora: *Então, mas as pessoas é que são assim, sensíveis. A terra tem jeito de ser sensível?* Mantendo-nos firmes no propósito de deixá-la expressar a sua própria justificativa, que favoreceria a tomada de decisão definitiva. Ao avaliar que sua justificativa – *Tem, porque é feita de magia* – atendia às expectativas, ela sorriu, satisfeita. Esse

processo de superação, ao encontrar a justificativa, a impulsionou para mudanças de atitude frente ao processo de criação de seu conto.

Tal situação de desconforto e irritação vivenciada por Alexandrita mostra que o processo de criação é difícil, que pode desencadear sentimentos conflitantes, penosos, mas, ao mesmo tempo, é imprescindível ao exercício de criação e de superação dessas dificuldades, desencadeando o desenvolvimento de todas as aptidões, todas as potencialidades e inclinações da criança. O episódio reitera a afirmação de Vigotski (2009, p. 55): “Criar é difícil. A necessidade de criar nem sempre coincide com as possibilidades de criação e disso surge um sentimento de sofrimento penoso de que a ideia não foi para a palavra, como diz Dostoievski.”.

Os indícios de mudanças de atitude de Alexandrita em relação à sua forma de interação com a criação do conto e com a pesquisadora mostraram o quanto esse processo foi difícil, sem deixar de ser prazeroso.

#### 4 O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA TERCEIRA VERSÃO DO CONTO DE ALEXANDRITA: A OBRA PRIMA

Já na terceira versão do conto A ponte de Terabítia, as lacunas sinalizadas com reticências entre parênteses (...) na tela do computador eram analisadas por ela que buscava completá-las, demonstrando segurança em suas escolhas. Havia aprendido a reconhecer os avisos do corretor textual do notebook. Enquanto ditava para escrevermos, demonstrava mais segurança em suas escolhas.

Pela materialidade do discurso na primeira versão do conto, *Whalyan em Terabítia*, podemos dizer que predominaram situações da vida em sociedade ligadas ao cotidiano: doença, morte, raspadinha, ver espírito (aspecto ligado a religião), casamento, filhos. O conto sinalizou também marcas de sua singularidade autoral, matizadas no seu discurso, ora marcado pelo uso do exagero numérico, ora pelos nomes diferentes e inusitados (Portiago, Kenikata, Maiuzion e Whalyan), também pela inserção do elemento mágico: a terra mágica de Terabítia.

Já nesta versão, a menina realizou o movimento inverso: na sua criação prevaleceu o elemento mágico. Essa mudança mostra o movimento de Alexandrita para suprir suas próprias necessidades como autora e buscar seu próprio estilo.

##### A ponte de Terabítia

Era uma vez em uma terra onde tudo era feito por magia. Lá Júlia nasceu do barro e foi Zeus que lhe deu a vida. Zeus disse:

– Você é minha filha e tem meu sangue.

Para comemorar o nascimento de Júlia, Zeus fez uma ponte para todas as pessoas que não tivessem feito mal a nenhuma outra pessoa pudessem passar para ser feliz em Terabítia, a terra do paraíso.

Um dia, um deus conhecido como Ares, o deus da guerra, queria fazer o paraíso ficar em guerra, porque achava Terabítia muito sensível, pois, era tudo feito de magia, as árvores, as pessoas, as montanhas, a grama, o castelo, tudo ali tinha sentimentos. Então, Ares teve a



ideia de passar pela ponte e como sabia que a ponte foi feita para pessoas do bem, ele partiu a ponte para que ninguém pudesse passar. Ares disse:

– Agora, ninguém vai passar por essa ponte...

Zeus não esperou Ares terminar de falar e disse:

– E agora você vai se ver comigo!

E eles começaram a lutar, Zeus aproveitou que Ares estava muito fraco de tanto lutar e o matou. Com a luta Zeus também ficou muito fraco, percebeu que iria morrer a qualquer momento e resolveu deixar os seus poderes para sua filha Júlia, de quatro meses.

Alguns anos depois a menina cresceu e virou a rainha de Terabítia. Júlia resolveu reconstruir a ponte que seu pai criou. Falou bem claro:

– Ponte de meu lugar, levante-se para o bem passar.

Após ouvir essas palavras a ponte se levantou e todos passaram e viveram felizes por toda vida. (Alexandrita, 2017)

No sentido de evidenciar as marcas que possam sinalizar sinais da singularidade autoral, destacamos algumas expressões do conto *A ponte de Terabítia* que mostram a constituição de sentidos e indicam aspectos de um estilo próprio de Alexandrita.

*Ponte para Terabítia* é o nome do livro de Katherine Paterson e do filme do roteirista David Paterson, filho da autora. O filme, distribuído pela Walt Disney Pictures, inspirado nas ideias da autora, ganhou cinco prêmios. Narra a história de Jess, um menino discriminado pelos colegas e pela própria família. Na escola conheceu Leslie, que, com uma imaginação fértil, transformava a realidade em criações fantásticas. A menina, filha de escritores, era muito criativa e alegre. Juntos eles criaram o reino encantado, Terabítia, onde tudo era possível, um lugar mágico em meio à floresta. Para chegar lá, eles atravessavam o riacho, dependurados em uma corda. Com o tempo, o menino foi mudando o modo de ver a realidade, descobrindo um mundo novo por meio de sua imaginação, aguçada nas vivências com a menina. Certo dia, Leslie atravessou o riacho sozinha, a corda arrebentou, a menina caiu e morreu. A árvore na qual a corda estava caiu, formando uma difícil passagem para Terabítia. Jess ficou muito desorientado com a morte de Leslie, não quis falar com mais ninguém. A irmã mais nova, de cinco anos, preocupou-se, seguiu-o até o riacho, mas não conseguiu atravessá-lo, ficando dependurada no tronco da árvore. Jess, ao escutar seus gritos, volta, maltrata-a e a manda embora para casa. A menina chega chorando em casa, o pai resolve ir ao encontro do filho. Vendo seu desespero por ter perdido a amiga, abraça-o e o consola. O menino, arrependido do que fizera com a irmã, constrói a ponte para Terabítia sobre o tronco da árvore, busca a irmã e a coroa princesa do reino mágico. O menino foi coroado rei pelos terabitianos e eles viveram felizes lá.

O título do conto de Alexandrita sugere que o filme *Ponte de Terabítia* serviu de fonte de inspiração para escrever o enredo do seu conto. Ao idealizar que Zeus fez uma ponte para todas as pessoas que não tivessem feito mal a nenhuma outra pessoa pudessem passar para ser feliz em Terabítia, a menina se inspirou na ação de Jess construindo a ponte para que a irmãzinha pudesse entrar em Terabítia e ser feliz em uma terra onde tudo era feito por magia. Outros indícios dessa marcação encontram-se na expressão: *a menina cresceu e virou a rainha de Terabítia*, no filme, a irmãzinha de Jess torna-se princesa e ele, rei de Terabítia. No longa metragem a ideia de felicidade reina em Terabítia. Essa ideia

parece ecoar nas palavras de Alexandrita: *viveram felizes por toda vida*. Tais indícios nos permitem concluir que o conto foi inspirado no enredo do filme.

Entretanto, algumas expressões utilizadas por ela indicam outro tipo de aproximação, com o criacionismo e a mitologia grega. Ao dizer que Júlia nasceu do barro, Alexandrita encontrou sua entonação no versículo bíblico do livro Gênesis: *Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente*. A menina conhecia certas passagens bíblicas. O termo *paraíso* reforça esse indício, sugerindo uma aproximação com o Divino, com os bem-aventurados. Ao nomear e caracterizar os personagens Zeus e Ares revela que conhece a história desses deuses da mitologia grega, na qual Zeus, Deus da Justiça, e Ares, seu filho com Hera, Deus da Guerra, travam batalhas épicas entre o bem e o mal. A ideia de destruir a ponte para impedir a passagem das pessoas do bem para o paraíso lembra a passagem dos hebreus à terra prometida. No conto da menina, como na mitologia, o bem venceu, mas no conto de Alexandrita Zeus morre e a passagem para o paraíso é garantida pelas palavras da rainha Júlia. Na voz dessa personagem, Alexandrita parece entoar o rito de passagem dos povos para a terra prometida: *Ponte de meu lugar, levante-se para o bem passar*, que ecoa nos ouvidos dos terabitianos como hino de salvação.

Esses indícios desvelados no conto marcam a singularidade de seu traço autoral. Ao mesmo tempo endossam a ideia de Vigotski (2009), segundo a qual a atividade da imaginação criadora se alimenta e se desenvolve da seiva da vida em sociedade, pois quanto maior o acúmulo das vivências sociais, emocionais, intelectuais e culturais, maior será a fonte de desenvolvimento da atividade da imaginação criadora no homem. Sob esse princípio explicativo, esses indícios endossam a mais importante lei que rege a atividade criadora da imaginação, segundo a qual essa atividade “depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia”. Nesse sentido, “Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela” (Vigotski, 2009, p. 22).

A arquitetônica de Alexandrita no arranjo de seu conto cria uma espécie de relação de significados e sentidos única com a atividade da imaginação criadora, marcados pela ressignificação dos mistérios da fé, dos seres mitológicos, do filme, de forma singular, única e insubstituível. Essa organização estética do conto de Alexandrita rompe com a relação original do filme, com as passagens bíblicas e com seu conhecimento da mitologia grega, inaugurando o seu dizer, seu ato criador. Em busca das palavras próprias, podemos falar em estilo, ela atribuiu novos sentidos e significados às palavras alheias na interface com a cultura (o filme, os saberes bíblicos e mitológicos), e nesse movimento cristaliza a palavra da vida em seu conto e, ao mesmo tempo, projeta nele as suas vivências, as marcas de sua personalidade, seu traço autoral. Bakhtin (2012) encontrou na literatura a possibilidade de criar uma visão arquitetônica do existir no mundo como evento singular, único e insubstituível, em que cada ser, em sua singularidade assume o compromisso moral com sua vida enquanto existência concreta, e nela a responsabilidade e a responsividade por seus atos, integralmente, e sem álibi. Essa arquitetônica se faz presente no ato de criação do conto por Alexandrita.

Os indícios revelam que a imaginação se desenvolve apoiada nas experiências alheias. Nesse sentido, a experiência serve ao desenvolvimento da imaginação coletiva. De modo que “há uma dependência dupla e mútua entre a imaginação e a experiência. Se no primeiro caso a imaginação apoia-se na experiência, no segundo é a própria experiência que se apoia na imaginação” (Vigotski, 2009, p. 25). A forma de apropriação e objetivação da herança cultural da humanidade difere totalmente de pessoa para pessoa, de um ciclo de desenvolvimento a outro, porque somos seres únicos e singulares. A singularidade com a qual nos apropriamos das experiências alheias em determinado momento da vida torna-se uma condição básica de desenvolvimento da atividade da imaginação criadora.

O ciclo da atividade da imaginação criadora da investigação refletiu-se no processo de criação de Alexandrita: ela combinou imagens para distinguir aspectos da realidade, modificou-os, associando de modo novo, para criar outras imagens e uma nova forma de reorganizar o conteúdo exaurido de suas vivências. Ao criar seu conto, utilizou de elementos da realidade concreta (terra, guerra, filha, sangue, montanhas, castelos, paraíso); atribuiu sentimentos e experiências humanas a elementos da natureza (terra, montanhas e o próprio homem); marcou seu tom volitivo-valorativo e o cristalizou em uma forma específica de enunciar o conto, de maneira a criar um estilo próprio, usando uma linguagem emocional específica. Assim completou o ciclo da atividade da imaginação criadora objetivando-o na escrita.

A consistência discursiva expressa no conto *A ponte de Terabítia* aponta para as vivências de Alexandrita que, para criá-lo extrapolou o encontro com os autores estudados na pesquisa, com as relações com os interlocutores, envolvendo múltiplas fontes de inspiração – o filme, os conhecimentos bíblicos, a mitologia grega, as suas condições de apropriação da realidade, as suas necessidades e desejos –, enfim, sua vida. Esses indícios reforçam a ideia de que as atividades realizadas criaram os motivos e as necessidades para que ela colocasse em movimento sua atividade da imaginação criadora, pois a criação infantil nutre-se da vida sociocultural, redimensiona as experiências, promove uma compreensão e um sentimento mais aprofundado da vida. (VIGOTSKI, 2009, p. 89-90).

Dessa forma, as experiências socioculturais são imprescindíveis para o desenvolvimento da imaginação criadora, ao proporcionarem as condições de instabilidade, tanto cognitivas como emocionais, necessárias ao processo de criação, de apropriação e objetivação dessa atividade, além de despertar a reação criadora na criança ao ampliar suas condições técnicas de construção do texto no acesso aos bens culturais construídos pela humanidade por meio dos modelos de criação. Essa é uma condição necessária ao processo de humanização da criança, porque o processo de criação do novo, mesmo que esse novo seja a combinação do velho de novas maneiras, “[...] é o destino de todos, em maior e menor grau; ela também é companheira normal e constante do desenvolvimento infantil” (Vigotski, 2009, p. 51).

Nessas condições, podemos inferir que a atividade da imaginação criadora surgiu e se desenvolveu no entrelaçamento das vivências pessoais de Alexandrita com as criações do gênero humano, no produto das relações humanas que nos afetam. Quando mais ricas essas vivências, mas ricas as criações da imaginação.

Para Vigotski (2001), o significado e o sentido da arte encontram sua essência no ato criativo e crítico, vivenciado como um ato catártico. O autor mostra que são vigorosas as teorias que consideram “a arte [como] uma descarga indispensável de energia nervosa e um procedimento complexo de equilíbrio do organismo e do meio nos momentos críticos do nosso comportamento” (Vigotski, 2001, p. 313). Segundo ele, nos momentos críticos da vida nos voltamos para a arte porque a expressão artística permite-nos realizar as descargas de energias nervosas que auxiliam em nosso reequilíbrio com o meio social.

Em relação ao processo catártico vivido na arte, esclarece-nos ainda Vigotski (2001, p. 270), “que a descarga de energia nervosa, que constitui a essência de todo sentimento, realiza-se nesse processo em sentido oposto ao habitual”, e dessa forma “a arte assim se transforma em um poderosíssimo meio para atingir as descargas de energia nervosa mais úteis e importantes”. Adverte o autor que o elemento central desse processo encontra-se na natureza contraditória implícita na estrutura – forma e conteúdo – de toda obra de arte. Desse modo, a catarse é a unidade que condensa em um só momento as emoções contraditórias de nossas percepções e emoções, suscitadas pela forma e pelo conteúdo da obra artística, provocando uma transformação complexa nos sentimentos.

Os dados analisados no processo de criação do conto por Alexandrita reiteram a afirmação de Vigotski (2001, p. 314), segundo a qual “Por si só, nem o mais sincero sentimento é capaz de criar arte. [...] se faz necessário ainda o ato criador de superação desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então esse ato aparece, só então a arte se realiza”. Assim, promover a superação dos sentimentos e viabilizar a vitória sobre eles é o efeito catártico da arte, por isso, sua percepção impõe o ato de criação, porque “[...] não basta simplesmente vivenciar com sinceridade o sentimento que dominou o autor, não basta entender a estrutura da obra: é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, e encontrar a sua catarse e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude” (Vigotski, 2001, p. 314). Alexandrita parece ter realizado essa catarse.

Na criação do conto de Alexandrita estão cristalizados os sinais de sua autoria. Esses indícios sinalizam que tanto na criança como no adulto as emoções emergem na criação literária com a mesma intensidade, com a mesma força. Com isso entendemos que “a base da reação estética são as emoções suscitadas pela arte e por nós vivenciadas com toda realidade e força, e encontram sua descarga na atividade da fantasia que sempre requer de nós a percepção da arte”. O ato de criação de Alexandria se alimentou de elementos da realidade de suas vivências. Nessa perspectiva, entendemos que “a criação literária infantil pode ser estimulada e direcionada externamente e deve ser avaliada do ponto de vista objetivo que tem” (Vigotski, 2001, p. 272).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma atividade de criação humana, a arte erige um ato criativo que adensa o social em nós, que nos prepara para a ação, que nos move para a vontade, que provoca a superação de sentimentos e desejos orientando-nos para o futuro, levando-nos a aspirações cada vez mais elevadas, acima das condições de vida que possuímos no momento presente. (Vigotski, 2001).

O estudo mostrou que a criação literária é muito importante para o desenvolvimento da criança, sobretudo de sua imaginação criadora. Seria incorreto e injusto ver na criança um escritor, segundo Vigotski (2009, p. 90-91), “aplicando às suas obras as mesmas exigências que fazemos em relação à obra de um escritor”. Para o autor, a “criação infantil está para a criação dos adultos assim como a brincadeira para a vida. A brincadeira é necessária para as crianças do mesmo modo que a criação literária infantil o é, antes de mais nada, para desencadear, adequadamente, o empenho do próprio autor”. Por isso, podemos dizer que “O melhor estímulo para a criação infantil é uma organização da vida e do ambiente das crianças que permita gerar necessidade e possibilidade para tal [criação]” (Vigotski, 2009, p. 20).

É na relação entre a criação literária e as vivências da criança que podemos criar nela as necessidades e os motivos para a objetivação do ato da criação, de forma que ela possa reelaborar a linguagem literária em si, para si e para o outro, colocando em movimento sua imaginação criadora. Por isso, reiteramos Mello (2007, p. 91) ao afirmar que “A infância é o tempo em que criança deve se introduzir na riqueza da cultura humana histórica e socialmente criada, reproduzindo para si qualidades especificamente humanas”.

Nessa perspectiva, a constituição de autoria na criança em idade escolar passa pela criação das condições de ampliação do acesso cultural e requer um processo longo e complexo da criação literária orientado para o futuro do desenvolvimento. O exercício da atividade criadora bem como seu desenvolvimento consistem em uma das principais forças na concretização desse objetivo. O processo de criação de Alexandrita, no conto *A ponte de Terabítia*, é um exemplo da constituição de sua autoria.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Aberto Faraco. 2ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.  
FREITAS, R. A. M. M. **Pesquisa em didática**: o experimento didático-formativo. 2009. Digitado.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007.  
Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br>. Acesso em: 19 jun. 2018.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância.** Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka: tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. Série: Ensaios Comentados.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte.** Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 2ed.

VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia.** Organização e tradução: Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; Tradução: Claudia da Costa Guimaraes Santana. Rio de Janeiro: e-Papers, 2018.